

O design no momento de tensão

João Correia Filho

Parece até um ironia, mas a exposição dedicada a Bauhaus, a escola símbolo de uma revolução artística e arquitetônica do século 20, que completa nove décadas esse ano, está sendo apresentada bem ao lado de um dos poucos pedaços remanescentes do Muro de Berlim. Antes da unificação da Alemanha, há apenas 20 anos, o divisor de concreto passava bem em frente ao que é hoje o Martin-Gropius-Bau, um importante espaço cultural da capital alemã dedicado à arquitetura, às artes e ao design, e onde se realiza até 4 de outubro a exposição "Bauhaus - Um modelo conceitual".

Realizada em cooperação com o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA) e do próprio Arquivo da Bauhaus, sediado em Berlim, a mostra reúne pela primeira vez mais de mil peças que ajudam a traçar um panorama do que foi essa escola fundada em 1919 pelo arquiteto alemão Walter Gropius, e fechada em 1933 pelos nazistas.

A exposição não se restringe a uma coleção de maquetes ou mesmo de plantas complexas ou painéis com projetos arquitetônicos. Ela traduz como as experiências da época contribuíram definitivamente para o desenvolvimento contemporâneo da arte, com novos conceitos estéticos e até mesmo educacionais, gerados por seus professores e alunos, entre eles nomes de peso como Mies van der Rohe, Paul Klee, Wassily Kandinsky e László Moholy-Nagy.

São 18 salas que apresentam de forma cronológica a história da Bauhaus e incluem as fases em que esteve sediada em três cidades alemãs - Weimar, Dessau e, finalmente, Berlim. A primeira sala (intitulada "Tradição e Utopia") nos coloca frente a frente com o "movimento" que nasceu entrincheirado entre duas grandes guerras mundiais, num período de extrema tensão política, social e econômica. Além de documentos e fotos, traz um vídeo com uma entrevista elucidadora do próprio Walter Gropius, que narra como foram esses anos explosivos e como o espírito de mudança da Bauhaus foi visto com maus olhos pelo nazismo.

Embora não tivesse (explicitamente) posições políticas que batessem de frente com os ideais de Adolf Hitler, a escola cultivava a subversão das regras de então. Um exemplo disso era a própria forma como entendiam a relação entre mestres e alunos. Nas salas intituladas "Impulso da Arte" e "Uma nova formação" fica fácil entender como romperam com as antigas hierarquias educacionais: partiram do conceito de interdisciplinaridade (revolucionário na época) e de suas próprias descobertas e experiências individuais para desenvolver uma forma de trabalhar novos materiais e técnicas, tanto na arquitetura quanto no design. Estudos cromáticos e tridimensionais desenvolvidos por mestres como Kandinsky e László hoje figuram como obras de arte, expostos ali.

Paul Klee, por exemplo, que foi professor de desenho analítico, trouxe grandes contribuições nesse sentido. Com Piet Mondrian, que ensinava composição, é explícito o quanto sua obra e suas aulas "conversavam" - basta ver um de seus quadros presentes na exposição (Composição com vermelho, azul, preto, amarelo e cinza), de 1921, que mostra o trabalho desenvolvido com a harmonização das cores.

Em outra sala, peças de arquitetos como Josef Albers e Marcel Breuer revelam como a Bauhaus trabalhou conceitos de tridimensionalidade a partir de materiais bidimensionais - folhas de papel recortadas viram objetos de extrema complexidade, luzes projetadas dão relevo e forma. Algumas dessas peças lembram os retângulos que foram criados por Athos Bulcão para os painéis do Teatro Nacional de Brasília, obra arquitetônica de Niemeyer e que ganha movimentos de luz e sombra de acordo com a posição do sol.

A sala "Arte e Tecnologia - uma unidade" reconstrói o que foi a Exposição da Bauhaus de 1923, uma das mais frutíferas do grupo. Na ocasião, esse binômio (arte e tecnologia) foi apresentado como um dos pilares da Bauhaus, estendido não só para grandes obras, mas para aspectos da vida cotidiana. Destaca-se, por exemplo, um intrigante tabuleiro de xadrez cujo formato das peças já representa o movimento que elas estão aptas a executar durante o jogo.

Ou ainda artefatos de cozinha, como saleiros, açucareiros e bules de chá, que ganham desenhos funcionais, delicados e extremamente contemporâneos.

É também nessa época que os preceitos da Bauhaus ganharam novos contornos, indo até à dança. Um vídeo gravado em 1987 pelo Theater der Klänge (famosa companhia de teatro de Dusseldorf, Alemanha) traz uma coreografia de Kurt Schieidt e Georg Teltsher, de 1923, intitulada "Balet Mecânico", na qual os bailarinos (vestidos com roupas triangulares e multicoloridas) dão vida a formas geométricas.

A fotografia também foi influenciada. Na sala "Documento e experimento" estão expostas imagens de Herbert Bayer, datadas de 1928, entre outros grandes nomes da Bauhaus, que souberam aplicar os conceitos da escola a essa arte que despontava com força no início do século 20. Bitucas de cigarro, pneus de bicicleta e papéis amassados ganham status poético quando interpretados à luz dos pensamento modernista emergente na época.

As últimas duas salas apresentam uma homenagem a Mies van der Rohe, que foi diretor da Bauhaus de 1930 a 1933, o que coincide com os últimos anos da escola em Berlim. A cidade, que viu a "morte" do movimento, foi onde, mais tarde, floresceram e se propagaram mundialmente os ideais vanguardistas e de mudança social iniciados por Walter Gropius e seus seguidores. Ao sair da exposição, é só olhar ao lado e ver aquele pedaço obsoleto de muro, símbolo de o quanto tais mudanças são necessárias.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 28, 29 e 30 ago. 2009, Eu & Investimentos, p. D10.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins acadêmicos